

**Corpos que lutam... Corpos que existem... Corpos que se inscrevem e escrevem na diferença, na educação, na ciência, nas *cartasplatôs* e nos *platôsantirracistas*...**

***Bodies that fight... Bodies that exist... Bodies that register and write in difference, in education, in science, in the plateausletters, and in the anti-racistplateaus...***

***Cuerpos que luchan... Cuerpos que existen... Cuerpos que se registran y escriben en la diferencia, en la educación, en la ciencia, en las cartasmesetas y en los mesetasantirracistas...***

Franklin Kaic Dutra-Pereira<sup>1</sup>

Rafaela dos Santos Lima<sup>2</sup>

Saimonton Tinôco<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/serieestudos.v29i65.1906>

**Resumo:** Guiando-nos pelas pegadas de intercessoras/es intelectuais das Filosofias da Diferença e da Contracolonialidade, neste *textoensaio* exploramos conexões, pluralizamos significados e desafiamos convenções que homogeneízam e tranquilizam o pensamento. Por esses motivos, criamos conceitos e investimos no enredamento de algumas noções teóricas, no sentido de provocarmos deslocamentos no instituído, guiando-nos pela seguinte pergunta disparadora: como é possível uma ciência química antirracista? Atravessadas/os por tais agenciamentos, apresentamos a escrita de *cartasplatôs* como dispositivo na/para a luta antirracista, a partir de uma produção realizada por estudantes da licenciatura em Química, de uma universidade pública do Nordeste, enquanto possibilidade de construção de possíveis aberturas na educação durante as aulas de um estágio supervisionado obrigatório. A partir da apreciação de tais exemplares, percebemos uma pluralidade de direções e possibilidades de leitura, que apontam para a potência de pesquisas

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Salvador, Bahia, Brasil.

que se comprometem com corpos que se ins/escrevem na diferença. As *cartasplatôs* criam, inventam, modos de viver a vida, reafirmando a diferença e os corpos negros, apostando em *platôsantirracistas* e na escrita enquanto artefato cultural e possível de luta antirracista.

**Palavras-chave:** antirracismo; filosofias da diferença; contracolonialidade.

**Abstract:** Guiding us in the footsteps of intellectual intercessors of the Philosophies of Difference and Counter-Coloniality, in this *essaytext* we explore connections, pluralize meanings and challenge conventions that homogenize and reassure thought. For these reasons, we created concepts and invested in intertwining some theoretical notions, to provoke shifts in what is established, guiding us by the following triggering question: how is an anti-racist chemical science possible? Crossed by such agencies, we present the writing of *plateausletters* as a device in/for the anti-racist fight, based on a production carried out by Chemistry degree students from a public university in the Northeast of Brazil, as a possibility of building possible openings in education during classes in a mandatory supervised internship. From the appreciation of such examples, we perceive a plurality of directions and reading possibilities, which point to the power of research that is committed to bodies that are inscribed in difference. *Plateausletters* create, invent, ways of living life, reaffirming difference and black bodies, betting on *anti-racistplateaus* and writing as a cultural and possible artifact of anti-racist struggle.

**Keywords:** anti-racism; philosophies of difference; counter-coloniality.

Resumen: Guiándonos tras los pasos de los intercesores intelectuales de las Filosofías de la Diferencia y la Contra-Colonialidad, en este *textoensayo* exploramos conexiones, pluralizamos significados y desafiamos convenciones que homogeneizan y tranquilizan el pensamiento. Por estas razones, creamos conceptos e invertimos en entrelazar algunas nociones teóricas, con el fin de provocar cambios en lo establecido, guiándonos por la siguiente pregunta desencadenante: ¿cómo es posible una ciencia química antirracista? Atravesadas/os por tales agencias, presentamos la escritura de *cartamesetas* como dispositivo en/para la lucha antirracista, a partir de una producción realizada por estudiantes de Química de una universidad pública del Nordeste, como una posibilidad de construcción de posibles aperturas en educación durante las clases de prácticas supervisadas obligatorias. A partir de la apreciación de tales ejemplos, percibimos una pluralidad de direcciones y posibilidades de lectura, que apuntan al poder de la investigación que apuesta por cuerpos que se inscriben en la diferencia. *Cartamesetas* crean, inventan, formas de vivir la vida, reafirmando la diferencia y los cuerpos negros, apostando por los *mesetasantirracistas* y la escritura como artefacto cultural y posible de la lucha antirracista.

**Palabras clave:** antirracismo; filosofías de la diferencia; contra-colonialidad.

## **1 “PERMITA QUE EU FALE, E NÃO AS MINHAS CICATRIZES, ELAS SÃO COADJUVANTES [...]”<sup>3</sup>**

Permitir? Pedir permissão? Por que ainda pedimos permissão para falar por nós mesmos, ainda que de modo escrito? Por que nossos corpos ainda são/ estão inseridos num contexto de subalternação, mesmo quando já anunciaram sobre as implicações desse processo em diversas esferas (seja na música, seja na ciência, na política, na sociedade...), em qualquer espaço? Por que – ainda – não reconhecemos as epistemologias pretas, ameríndias, africanas nos corpos que atuam na academia científica brasileira?

Tais indagações são resquícios de vivências, estranhamentos e percepções ao longo da caminhada acadêmica, ou melhor, de acontecimentos científicos, a partir do que temos problematizado coletivamente no Com-Fabulações: Ateliê de Pesquisas Inventivas em Educação (UFPB/CNPq). Essa rede de invenções tem se constituído pelo atravessamento de paradigmas pós-críticos sobre o *pensar-fazer* Ciências no Brasil, considerando a perspectiva da contracolônização (Santos; Pereira, 2023) no Sul global, como reafirmação de “aqui se faz ciência”.

Em nossos estudos, costumamos pensar por vias duvidosas, por caminhos marginais, pelas periculosidades do viver a vida. Juntos, atravessamos desertos, permutamos artefatos, teorizamos o (in)diversível. Fazemos da luta *substantiverbo*. Prosseguimos em diferentes trilhas. Rizomamos os achados da pesquisa. Vivemos perigosamente ao tangenciar discussões outras, para além daquelas colonizadas e embranquecidas. Invertemos rotas possíveis, a partir de pistas fornecidas pelas metodologias de primeira pessoa, como nos convidam nossos/as intercessores/as científicos/as (Corazza, 2006; Dutra-Pereira, 2023a, 2023b; Evaristo, 2020; Passos; Kastrup; Escóssia, 2020; Passos; Kastrup; Tedesco, 2016; Tinôco, 2023; Tinôco; Souza, 2023).

Contrariamos a colonização de corpos, da vida, da ciência, de *universidades*. Partimos rumo ao Sul global. Vivemos no/com/para o Sul. Acreditamos e apostamos no Sul como força de uma luta para a existência e da resistência em tempos tão cafetinos (Rolnik, 2016) e sombrios, os quais pairam sobre o mundo. Neste exato momento, por exemplo, uma guerra em curso na Palestina ataca:

---

<sup>3</sup> Versos da canção “AmarElo”, composta por Emicida, Felipe Vassão, DJ Duh e Belchior. Faz parte do álbum de mesmo nome, do *rapper* paulista Emicida, lançado em 2019.

crianças, mulheres, idosos/as, jovens, escolas, universidades, hospitais... Destroí as vidas, a humanidade, sobretudo as diversidades de (nossos) corpos.

Por essa e outras causas, com-versamos, rascunhamos, desenhamos, poetizamos, inventamos mundos *possíveishabitáveis*. Buscamos por im/expres-sões diferentes, com an-danças, ousadias expostas, percepções distintas (e, por que não, distantes?), que se unem e reverberam mundos onde o racismo, a LGBTQIAPN+fobia, o capacitismo e outros tipos de preconceitos, exclusão, invi-sibilidades, são aniquilados. A diferença é o que se inscreve em nosso modo de escrever a vida.

Acreditamos que os estudos e as pesquisas que com-fabulamos narram di-versas histórias, em vez de assumirem os perigos de uma história única (Adichie, 2019). Tal escolha nos possibilita *pensarfazerpraticar na/com/sobre* a diferença, enquanto postura que questiona o universalismo de teorias, o reprodutivismo de ideias, o extrativismo de dados, característicos de uma ciência ancorada na política cognitiva da representação (Kastrup; Tedesco; Passos, 2015). Por isso, circulamos por pistas da cartografia (Passos; Kastrup; Escóssia, 2016, 2020), enquanto possibilidade de pesquisa-intervenção-invenção na/para formação docente (Dias, 2011, 2012).

Assim, as investigações que coletivamente acompanhamos configuram-se como um modo de produção de subjetividades, a partir do conhecimento da experiência e dos processos que a constitui. Trata-se de um trabalho em aberto, por isso arriscado, pois entendemos que “[...] um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 21).

Considerando tais elementos, apresentamos, neste mar de acontecimentos de expressão científica, diversas *cartasplatôs*, escritas por estudantes de licenciatura de uma universidade brasileira. Situada no Nordeste do país, tal instituição costuma ser ocupada majoritariamente por estudantes pretos/as, pardos/as e indígenas, que ousa(ra)m escrever sobre suas impressões/expressões/inscrições no contexto da formação profissional para a docência em Química, na Educação Básica.

## **2 CARTASPLATÔS ENQUANTO MOVIMENTO DE ESCRIVIVÊNCIAS**

Estávamos retornando presencialmente às aulas na universidade, após um longo período em que vivemos nossas vidas em meio ao distanciamento social necessário à contenção de efeitos relacionados à sindemia de covid-19. Também estávamos sobrevivendo aos destroços de um (des)governo federal autoritário e autocrático, que assumia a banalização da morte enquanto seu compromisso político, o que afetava, sobretudo, a existência de pessoas negras e indígenas. Como encontrar possibilidades de respiro em meio a um cenário de necropolítica (Mbembe, 2016)?

Assim, além de falarmos sobre a complexidade do momento, era preciso grafá-lo. Como escrever o que sentíamos/sentimos? Tínhamos muitas perguntas, uma ideia... que nos mobilizaram nas aulas de estágio supervisionado obrigatório, durante um semestre acadêmico.

O que pode uma carta? É possível a escrita de cartas, para promover uma educação antirracista? Como tem se dado a luta antirracista na formação docente, em meio a mecanismos aniquiladores? Pode a escrita de cartas antirracistas, nas Ciências da Natureza? Como ampliar o debate sobre ciência, ensino e pesquisa antirracistas, num curso de Licenciatura em Química, a partir da escrita de cartas?

Por muito tempo, cartas foram utilizadas como meio privilegiado no contexto científico. Alguns/Algumas de nós já ouviram falar (ou até mesmo leram) sobre como cientistas se comunicavam em épocas passadas, quando não tínhamos as facilidades tecnológicas advindas da internet. Registros históricos narram que os achados de pesquisas eram divulgados por meio de textos epistolares (Fioravanti, 2022), às vezes traduzidos para várias línguas, num tempo em que ainda não existiam os periódicos acadêmicos e, por isso, não se tinha a prática de (se) publicar em larga escala.

Desse modo, as cartas atuavam como possibilidade de escrita acadêmica e comunicação científica, enquanto estratégia de desenvolvimento e registro das pesquisas, como trocas (nem sempre) amorosas. Mas nem por isso todas as pessoas que acessavam a cultura científica trocavam cartas. Algumas se limitavam a produzir rascunhos e diários de pesquisa, comunicando suas descobertas em aulas e encontros ampliados, como os de associações científicas. Com o advento das tecnologias digitais de informação e comunicação, então, essa prática de escrever cartas foi perdendo cada vez mais espaço na cultura científica.

Por esse motivo, no curso de Química em que realizamos a pesquisa, algumas pessoas nunca haviam escrito sequer um bilhete para alguém, antes de

atenderem ao nosso chamado. Diante de tal cenário e cientes da potencialidade advinda da escrita epistolar, apostamos nas cartas enquanto oportunidade de escrevivência (Evaristo, 2020) na universidade. Uma escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida (de quem escreve e do seu povo) e que, por isso, explícita(ria) condições e possibilidades de existência das populações negra e indígena do Brasil, sobretudo do Nordeste.

Quem já leu, recebeu e/ou escreveu cartas sabe que tais textos apresentam intensidades distintas em seus desenvolvimentos. Expressam multiplicidade de conexões, afetos e devires, que atingem uma estabilidade temporária antes de se transformarem novamente, evidenciando a natureza não linear e fluida da (nossa) existência. Por tais constatações, trabalhamos a carta enquanto um platô, ou melhor, uma *cartaplatô*, guiando-nos pelos ecos das filosofias da diferença (Deleuze; Guattari, 1995a, 1995b, 1996, 1997a, 1997b, 1997c) em nós.

Por que *cartaplatô*? Deleuze e Guattari propuseram uma abordagem não hierárquica e não linear à Filosofia, rompendo com as estruturas tradicionais vigentes à época. Em “Mil Platôs”, eles exploraram como os conceitos se desdobravam em múltiplas direções, evitando uma narrativa linear. Nesse sentido, cada platô representaria uma área de intensidade, uma superfície de acontecimentos em que as conexões se formariam e se transformariam. Visavam capturar de algum modo a complexidade da vida, destacando a multiplicidade de caminhos e possibilidades, em oposição a uma visão simplista e unidirecional.

Por tais motivos, entendíamos que as cartas antirracistas seriam/funcionariam como *cartasplatôs*, muito embora soubéssemos que, em Deleuze e Guattari, platô não se aplica diretamente a uma forma específica. Assim, apostamos nas/em cartas como possíveis estados de processos mais amplos, no nosso caso, enquanto um dispositivo a ser utilizado na construção de uma educação antirracista na Licenciatura em Química, o que possibilitaria a formação de  $n$  platôs.

Dessa forma, propusemos um exercício de escrita epistolar que nos levasse à exploração de expressões, sentimentos, ressonâncias, confabulações etc., de modo que contribuísse com a produção de subjetividades. Com isso, esperávamos opor-nos às políticas representativas de identidades estáticas, imutáveis, reguladoras, colonialistas e universais, comumente presentes na formação de professoras e professores.

*Corpos que lutam... Corpos que existem... Corpos que se inscrevem e escrevem na diferença, na educação, na ciência, nas cartasplatôs e nos platôsantirracistas...*

Sendo assim, cada *cartaplatô* representa(va) conexões emocionais, ideias e experiências que se entrelaçam, criando platôs de significados e significâncias no contexto da luta antirracista. Ressalta(va)m tanto a riqueza quanto a complexidade das relações humanas e das narrativas que se desenvolveram ao longo das escritas (de si, do devir, das confabulações, do mundo).

### **3 CARTASPLATÔS COMO ESCRITAS NA/PARA A DEFESA DE UMA CIÊNCIA ANTIRRACISTA**

A partir de uma discussão sobre a invisibilidade dos corpos negros na ciência, fato que se repete também nas escolas, fizemos a seguinte provocação: como é possível uma ciência química antirracista?

Inspirados/as por essa pergunta, e após a leitura de cartas escritas por mulheres negras que transformaram o percurso colonizador – ao registrar-publicar suas/nossas experiências com o racismo –, propusemos um exercício de escrita, como continuidade das práticas epistolares que vínhamos desenvolvendo desde o início do componente curricular. Sendo assim, compartilhamos a seguir as *cartasplatôs* de estudantes que deseja(va)m redesenhar o mundo, na tentativa de torná-lo mais habitável.

Figura 1 – *Cartaplatô* 1

Quando pensamos na Ciência a primeira coisa que lembramos ou associamos é um cientista branco, usando um jaleco, cabelo bagunçado e óculos, excluirmos todos os outros indivíduos que também fazem ciência como mulheres, negros, indígenas etc. afinal de contas fomos “educados” a pensar assim.

E então vem a pergunta, como fazer uma Química antirracista? Hoje infelizmente a sociedade ainda dissemina a narrativa de que o racismo não existe e que as vítimas de tal ato estão de “mi mi mi”, cabe a nós como futuros docentes, atuais alunos e indivíduos pertencentes a essa sociedade lutar contra esse ato de desrespeito, se assim posso dizer.

Como forma de tentar combater e de fazer uma Ciência/Química antirracista é possibilitando discussões que façam os alunos pensarem, e enxergarem a sociedade com uma nova perspectiva, é trabalhar questões como por exemplo, qual cientista negro (a) eles conhecem? Qual é o berço da civilização? E por que dizem que a ciência nasceu na Grécia Antiga, sendo que a civilização é originária do continente africano? Para além, é importante destacar que durante a história cientista negros (as) tiveram seus trabalhos usurpados e suas pessoas apagadas.

Um outro ponto que poderia ser estudo e discutido dentro da sala de aula é como se deu a história da Química no Brasil e quem foi que fez essa Química, quais foram os personagens dessa história. Também podem ser trabalhados o processo de produção do açúcar, cachaça, tingimento de roupas, manuseio de metais, agricultura, o por que dos diferentes tipos de etc. com a historicidade dessas técnicas e a Química.

Sendo assim, concluo essa carta dizendo que é difícil mais ao mesmo tempo importante ter problematizações como essa, estamos acomodados em apenas comentar sobre tais assuntos, mas deixamos de estudar e problematizar e levar para dentro da nossa área de conhecimento e explorá-las de acordo com a área de ensino que estamos sendo formados.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Para Deleuze e Guattari (1995a, 1995b), as cartas são platôs em que as vivências e reflexões convergem e se entrelaçam, independentemente de se configurarem enquanto práticas racistas (vivenciadas) ou antirracistas (lutadas), produzindo um conjunto de experiências. Em nosso caso, as *cartasplatôs*, enquanto *platôsantirracistas*, contribuem para a formação de uma postura antirracista, por meio do reconhecimento da multiplicidade de vozes e das transformações que ocorrem nas interações educacionais.

Desse modo, entendemos o antirracismo como um conjunto complexo de práticas, ideias e ações que formam um campo de força. Cada esforço antirracista



pode ser visto como um ponto de convergência, uma superfície de acontecimentos em que as experiências, as reflexões e as lutas se encontram; ou seja, um platô, no sentido proposto por Deleuze e Guattari (1997a).

Tais *platôsantirracistas* não têm uma progressão predefinida, mas sim uma multiplicidade de direções e possibilidades, refletindo a natureza múltipla do compromisso com a justiça racial e, conseqüentemente, social-cultural-política-científica. Por isso a importância de problematizarmos os modos eurocêntricos e norte-americanizados de construção do conhecimento científico, que nos são ensinados como possibilidades exclusivas pelas *universidadescolas*.

Historicamente, tais modos estão atrelados aos feitos de homens brancos, cis, héteros, patriarcais, indicando que os processos educativos não foram pensados considerando a diversidade de quem faz ciência. Perpetuar tal posicionamento se mostra complicado, pois alimenta e mantém práticas racistas nos processos formativos, tanto para a docência quanto para a ciência. Nesse sentido, a inviabilização e/ou apagamento de trajetórias científicas de pessoas negras e indígenas reforça o ponto que é externado como uma dificuldade para ensinar e, conseqüentemente, construir uma educação que seja antirracista: a ausência de referências de como conhecer a ciência a partir de corpos outros.

Figura 2 – *Cartaplatô* 2

A Lei 10.639/03 torna obrigatório os conteúdos referentes a história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas em todos os currículos escolares das redes de ensino. Porém, apesar da Lei 10.639/03 completar 20 anos de vigência, o desenvolvimento de práticas de ensino antirracista no ensino de química ainda é algo incipiente, ainda pouco é discutido nos cursos de Licenciaturas.

Durante toda a minha graduação no curso de Licenciatura em Química as únicas vezes que discutimos sobre a educação para as relações étnico-raciais foi por meio da disciplina que entrou como obrigatória no curso, componente chamado de Educação para as relações étnico-raciais, que foi inserida no currículo após a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e agora em estágio IV que fomos provocados a conversar sobre como trabalhar uma química antirracista. E talvez esse seja um dos motivos pelo qual sentimos tanta dificuldade em ensinar uma química antirracista, pois não estamos familiarizados com essas discussões durante a formação docente.

Pensar em como ensinar uma química antirracista é um passo importante para nós enquanto futuros professores. Em meio ao caos em que vivemos nesse mundo em que apesar das discussões sobre o racismo estarem sempre em pauta, muito ainda se tem a avançar quando se trata de pensarmos um mundo antirracista.

Me restringindo ao ensino de química, acredito que o primeiro passo para uma educação química antirracista voltada para as relações étnico-raciais começa pelo conhecimento da história, da diversidade e dos direitos, e para além de conhecer, que nos enquanto indivíduos formadores de pessoas possamos agir buscando combater o racismo e as discriminações. Em um texto de Petrolina Beatriz Gonçalves e Silva sobre “Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil”, a autora reforça sobre a necessidade de mudanças nos espaços escolares em relação a maneira como as relações étnico-raciais são abordadas nos currículos escolares.

Se pararmos para refletir e pesquisar, muito se tem para ser discutido no ensino de química de maneira articulada as questões étnico-raciais. É possível trabalhar dentro da química orgânica sobre as plantas medicinais as estruturas das substâncias presentes e suas propriedades químicas e fazer uma reflexão onde pode-se abordar a História e as contribuições dos Povos Indígenas para a ciência. Contribuições essas, que ao longo desses anos têm sido anuladas, excluídas e silenciadas no contexto da educação básica e por vezes também nos ambientes formativos do ensino superior, isto decorrente a um cenário colonialista e racista que atravessa a educação brasileira numa visão eurocêntrica e etnocêntrica.

Outras temáticas que podem ser inseridas são a abordagem de conceitos químicos através da pele e do cabelo crespo; os temas podem ser utilizados para discutir sobre as questões raciais e articular com o conteúdo de funções orgânicas e também as ligações químicas através do formato dos cabelos.

Além disso também podem ser discutidos sobre o papel e a invisibilidade das mulheres negras na ciência; sobre a valorização da cultura africana e afro-brasileira. Destacar a importância do conhecimento de mulheres que fazem parte da ciência e tiveram grandes contribuições pra quebrar essa visão estereotipada de cientista, que cientista é um homem branco, que usa óculos e é descabelado.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

A formação docente para o ensino de Química ainda é conduzida na perspectiva da aprendizagem do conteúdo específico enquanto ênfase, sem questionar como a ciência foi/é construída. Com isso, é comum que licenciandos/as cheguem ao final do curso sem conseguirem fazer articulações do conhecimento químico com o processo histórico, cultural e social que o produziu. Além disso, quando se trata das Leis n. 10.639 (2003) e n. 11.645 (Brasil, 2008), bem como do Estatuto da Igualdade Racial (Lei n. 14.553 [Brasil, 2023]), algumas vezes tais cursos se restringem apenas a apresentá-las aos/às estudantes.

A partir de tal constatação, Lima (2023, p. 74) pontua que a “[...] menção e/ou estudo da lei não significa construção teórica e metodológica para inserção de prática nos ambientes escolares”. Desse modo, é importante que (re)pensemos metodológica e didaticamente a formação docente, de modo que possamos implementar o que é previsto nas referidas leis, para além da cultura do evento anual em dia comemorativo. Por isso, as *cartasplatôs* referem-se sempre à necessidade de implementação e consolidação da Lei n. 10.639 (Brasil, 2003) nas *universidadescolas*, pois, em 2023, completaram-se 20 anos de sua elaboração.

Os *platôsantirracistas* ainda nos fazem recordar de cartas, pensamentos, práticas, experiências de mulheres negras. Autoras que mudaram o percurso colonizador de *pensarfazer* as ciências, as pesquisas, a educação, os registros, os viveres e até mesmo os corpos daqueles/as que se inserem no mundo de fabular a escrita, no nosso caso, pelas *cartasplatôs*.

Nesse sentido, Carolina Maria de Jesus (1963), Lélia Gonzalez (2020), Maya Angelou (2015) e Saidiya Hartman (2022) podem ser compreendidas como autoras-pensadoras-escritoras-epistemólogas que muda(ra)m o percurso colonizador de fazer-registrar-publicar as (nossas) *pesquisaspráticasescritas*. Grafa(ra)m textos que consideramos como expressão de experiências, construção de conhecimento e fortalecimento do movimento antirracista, por meio de uma perspectiva interseccional (Akotirene, 2019) que promove cruzamentos de raça, gênero e classe social em suas *vidasobras*.

Figura 3 – Cartaplatô 3

Recebi uma atividade, na qual consistia em escrever uma carta sobre como apresentar uma química antirracista, e aqui estou me perguntando como fazer uma tarefa tão séria e relevante quanto esta. Seria possível fazer um feito deste, apenas apresentando os cientistas negros que mais contribuíram para a história da ciência? Consegui desenvolver uma criticidade e tomada de consciência em meus alunos fazendo uma abordagem nessa perspectiva? A resposta é que de fato, eu ainda n sei..

O que de fato sei, é que, o apagamento do negro na ciência, é sim um ato racista, no qual, foi deixado nosso reconhecimento de lado, pessoas as quais contribuíram tanto quanto pessoas brancas (ousou dizer que mais, levando em conta as dificuldades, discriminações raciais, e condições económicas da época em que os negros eram enseridos/submetidos), na a área da ciência.

Não tem como ser antirracista sem dialogar com a história, e discutir o enredo omitido. Para tal feito, eu preciso trabalhar em cima das representatividades, levando fatos que foram deixados de lado. Nesse sentido não posso abordar química, sem a tomada de consciência em que pessoas como, Percy Julian, Alice Ball, Jane Cooke Wright, Marie Maynard Daly, entre diversos outros cientistas negros e negras, contribuíram para o conhecimento científico que conhecemos hoje.

Nesse sentido, o intuito é enfatizar a importância do trabalho científico desses cientistas, para a comunidade da época, e para o avanço que não teríamos sem tal descobertas, dando devido valor ao trabalho e esforços que negros e negras precisaram fazer para alcançar um espaço no meio composto por grande maioria branca, trabalhando com maestria e desenvolvendo diversas descobertas ao longo da história.

Quero deixar claro, que é importante sim conscientizar nossos discentes, trazendo a história que nos foram negadas, a informação que foi escondida/omitida ao longo de muitos anos. Mas ainda assim pergunto, saberíamos enquanto docente trazer uma educação de fato antirracista?

Penso que só tratar do conhecimento científico tradicional, não seja o suficiente, na abordagem da conscientização, pois além de seres conscientes, precisamos formar indivíduos críticos, pensantes e atuantes nessa sociedade racista.

E por não tratar o conhecimento cultural da negritude que adquirimos, ao longo dos anos. Porque não discutir sobre a ciência dos chás, doces, produtos de beleza... entre outros produtos naturais, que temos conhecimento, e vêm de conhecimentos culturais e de pessoas negras da história omitida.

O fato, é que para abordar uma química antirracista, além de conhecimento histórico, precisamos saber como trabalhar com o hoje, com a realidade dos alunos, discutindo em cima disso, paradigmas racistas. Creio que para tal, o docente precisará de muita base teórica, e de vontade para trabalhar em cima dessas questões discutidas até agora.

Por fim, termino esta carta com mais perguntas a serem pensadas, temos preparação suficiente, enquanto docente, para retratar uma química antirracista? Se sim, me sinto preparado para fazer esta abordagem com meus discentes? Estas, não serei eu, que irei responder, deixo a cada um, o dever de pensar e criticar sobre tal e sobre sim.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Os racismos são máquinas codificadoras, neoliberais, neofascistas e esquizodramáticas (Hur, 2020). Funcionam como uma rede complexa de aniquilação (Mbembe, 2016) e de práticas colonizadoras (Lander, 2005), sob a tutela do Estado, que tendem a desafiar a própria legislação brasileira (Lima, 2023). Definem, assim, quem vai matar-morrer (Süssekind; Merladet; D'Avignon, 2022), bem como quanto à impunidade, sobre o pressuposto da liberdade de expressão e das armadilhas do pacto da branquitude (Bento, 2022). Por esses motivos, lutamos para que nenhum/a policial possa se omitir ao ver alguém apontar uma arma para uma pessoa preta, sobretudo quando esta última é a vítima<sup>4</sup>.

Com o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, assistimos a desmontes, perseguições, silenciamentos e violências no nosso país. Tais fatos se intensificaram com a chegada, em 2019, à Presidência de nossa República, de um político atualmente inelegível. Ele trouxe consigo mecanismos desenfreados de autoritarismo, de violências verbais e de perseguição àqueles/as que lhe gerassem qualquer crítica.

Em relação à população africana, afrobrasileira, afro-indígena, infelizmente a situação não foi diferente (Dutra-Pereira, 2023a). Xingamentos foram pronunciados, preconceitos escancarados, ironias exploradas, em tom de naturalidade. Por isso, a luta antirracista também deve pertencer ao serviço público, incluindo as representações políticas, na tentativa de juntarmos esforços para que não se repitam inadmissíveis atos preconceituosos.

---

<sup>4</sup> Polícia apura omissão de PM filmada se recusando a agir ao ver homem armado ameaçar adolescente em SP. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/11/14/policia-apura-omissao-de-pm-filmada-se-recusando-a-agir-ao-ver-homem-armado-ameacar-adolescente-em-sp-video.ghtml>. Acesso em: 17 nov. 2023.

Figura 4 – Cartaplatô 4

Há pouco tempo, mais precisamente em setembro de 2022, foi confirmado o lançamento do live-action produzido pela The Walt Disney Company, sobre o conto “A pequena sereia”, clássica animação do ano de 1990. Porém, o filme e a produtora foram alvos de ataques racistas, após os fãs da história não aceitarem que a protagonista a interpretar a sereia Ariel, seria uma atriz negra. Os críticos alegam que deveriam manter a originalidade do conto, utilizando uma atriz com traços semelhantes com a personagem, uma sereia com metade do corpo de uma jovem branca de cabelos ruivos.

Infelizmente, cerca de 1,5 milhões de pessoas deram dislike (Não gostei) no Trailer do filme desde a sua divulgação, nos mostrando como as pessoas cada vez mais se tornam formuladas em padrões rígidos e não buscam entender a grande relevância que isso tem para classes minoritárias.

Após os diversos comentários racistas, a Disney repudiou tais atos e como forma de mostrar a todos a potencial inclusão social nos contos de fadas, repostou vários vídeos em que crianças negras se sentiram representadas ao verem uma personagem/heroína com o mesmo tom de pele delas.

Relembrando o que foi discutido em sala quando discutimos “Se a escola é pública, ela é de quem?”, refaço um questionamento, se as animações de gênero infantil são para todas as crianças, por que só criar contos com personagem brancos e até mesmo coloridos, mas se opor a criação do protagonista negro?

Esse fato me faz pensar sobre como vamos ensinar que todos nós podemos ser químicos, físicos e pesquisadores de forma geral, quando nos deparamos com cientistas brancos nos livros didáticos. Por que não podemos pensar nos negros também conquistando seu lugar de direito? Por que não trazermos invenções e descobertas criadas pela população que sempre foi taxa como grandes músculos e pouco cérebro pelos europeus?

O racismo está enraizado pela sociedade, cada dia é exposto de forma explícita ou como mais preferem, que é de forma sempre camuflada com piadas de muito mau gosto, com sempre a justificativa de que não era intenção ofender alguém.

Realmente, nunca ofende alguém, mas sim, todo povo que a mais de 500 anos sofre perante uma nação. A primeira medida a ser tomada para combate ao racismo é dizer Sim!!! O racismo existe e sempre existiu, nunca diminuiu, mas aprendeu a ser disfarçado durante os anos. Após a afirmação do racismo, devemos ter em mente que como educadores, temos que instigar os indivíduos a serem críticos para que possam fazer reflexões de uma sociedade como todo, estando e participando dela. Fazer com que os indivíduos sejam capazes de identificar nas diversas situações, onde e como tentam esconder a existência do racismo, onde as falas se tornam armas e menosprezam sua cor de pele, a fisiologia do seu rosto, a textura do seu cabelo e outras características que nos tornam quem somos. SERES HUMANOS.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Ao estendermos o debate sobre as *cartasplatôs* aos *platôsantirracistas*, consideramos as dinâmicas, as experiências, as escrevivências e os rizomas que se entrelaçam, mesmo sem conhecermos os pontos de partida. Físico-quimicamente falando, tais sistemas descrevem fenômenos complexos que evoluem ao longo do tempo. São influenciados por perguntas sobre as quais estamos em constante busca, por diferentes interações substanciais, enquanto os múltiplos fatores obedecem às entropias.

Como exemplo disso, podemos citar as produções audiovisuais, como séries, documentários e em filmes, mas não somente, que direta e indiretamente tocam em temas relacionados ao racismo. Além disso, assistimos diariamente, em qualquer telejornal, como as crianças negras estão expostas ao preconceito e à barbárie. Tal ocorrência sinaliza quanto à urgência de *pensarpraticar a* luta antirracista, desde a infância, porque esses corpos também são massacrados (Tinôco; Souza, 2023).

Assim, torna-se crucial operarmos com as interseccionalidades, reconhecendo como o antirracismo se entrelaça com outras lutas sociais, como o feminismo e a justiça socioeconômica, por exemplo. Tal iniciativa proporciona uma compreensão mais ampliada dos *platôsantirracistas*, enquanto processos dinâmicos e multifacetados da contemporaneidade, inclusive nas *universidadescolas*.

Figura 5 – Cartaplatô 5

Caro Leitor,

Pensar numa química antirracista é, sobretudo, repensar nossas ideias de pessoas que fazem química/ ciências. Quando, enquanto professores, questionamos em aula qual a concepção que os alunos trazem sobre cientistas, são sempre as mesmas falas “homem branco, descabelado, sozinho”. Tal fato se dá por termos uma leitura de mundo restrita a Einstein como único cientista que contribuiu para com o avanço do que entendemos hoje como mundo. Quando pensamos na mulher, essa discrepância é ainda mais nítida, “me falem o nome de uma mulher importante na ciência”. O silêncio preenche o espaço. E, quando raramente é rompido, Marie Curie é a única protagonista. Não nos questionamos então o porquê desta limitação voltada para a branquitude. E, por termos apenas 100 minutos de aula, acabamos nos limitando à apresentação do conteúdo programático, esquecendo de abrir o leque de possibilidades para os nossos alunos. Uma pesquisa extraclasses sobre quais os nomes marcaram a história das ciências e já teríamos novos nomes, rostos e concepções. Pensar numa química antirracista é pensar, antes de tudo, na formação do indivíduo em sociedade. Como o estudante enxerga o seu lugar no espaço em que vive, qual a relação deste para com o outro, quais as suas leituras de mundo, suas vivências. Promovendo a interdisciplinaridade na escola, trabalhando com o contexto histórico dos conteúdos que serão discutidos em sala, ouvindo os alunos. Muitos dos alunos negros nas escolas estão neste espaço sem nenhuma perspectiva, porque seus pais não tiveram acesso a escola e estão agora lutando para que ele tenha mas, por ter os pais como exemplos, eles não enxergam necessidade ou m futuro no espaço escolar. Muitos estão buscando um diploma para conseguir um trabalho melhor, outros apenas pelo recurso que a escola oferece que, em muitas das vezes, acaba se tornando o seu meio de sobrevivência. Não há referências conhecidas que foram bem sucedidas por meio dos estudos para esses estudantes. Eles não pensam em ser cientistas não é porque não querem, mas sim por não terem a representatividade de alguém que, assim como eles, conquistou este espaço. A história contada nas aulas retrata o negro no período da escravidão e pronto. Principalmente quando o professor que ministra a disciplina limita-se apenas aos livros didáticos escritos pelo padrão da sociedade. Mostrar exemplos não cabe apenas ao professor de história e cultura, cabe a nós, futuros professores de química. Promovendo debates, levando trabalhos publicados por autores negros, retratando todos os participantes de uma dada teoria que, muitas vezes, tem a cara que mais vende mas que foi escrita por mãos negras talentosíssimas que também trabalham. Estamos lutando incansavelmente pela eliminação da discriminação racial mas ainda aceitamos um corpo docente de 30 professores onde apenas três são negros. Ainda deixamos que o(a) docente de história da química trabalhe apenas Marie Curie e Antoine Lavoisier quando temos nomes como Alice Ball, Jane Cooke, Percy Julian, Elmo Brady e outros. Em nossas referências de trabalhos só utilizamos autores brancos, invalidando os trabalhos de autores negros pelo fato destes não terem tanto acesso/reconhecimento. A química trabalhada em sala deixará de ser antirracista quando aqueles que são responsáveis pela divulgação da mesma deixarem de trabalhar com metodologias racistas e excludentes.

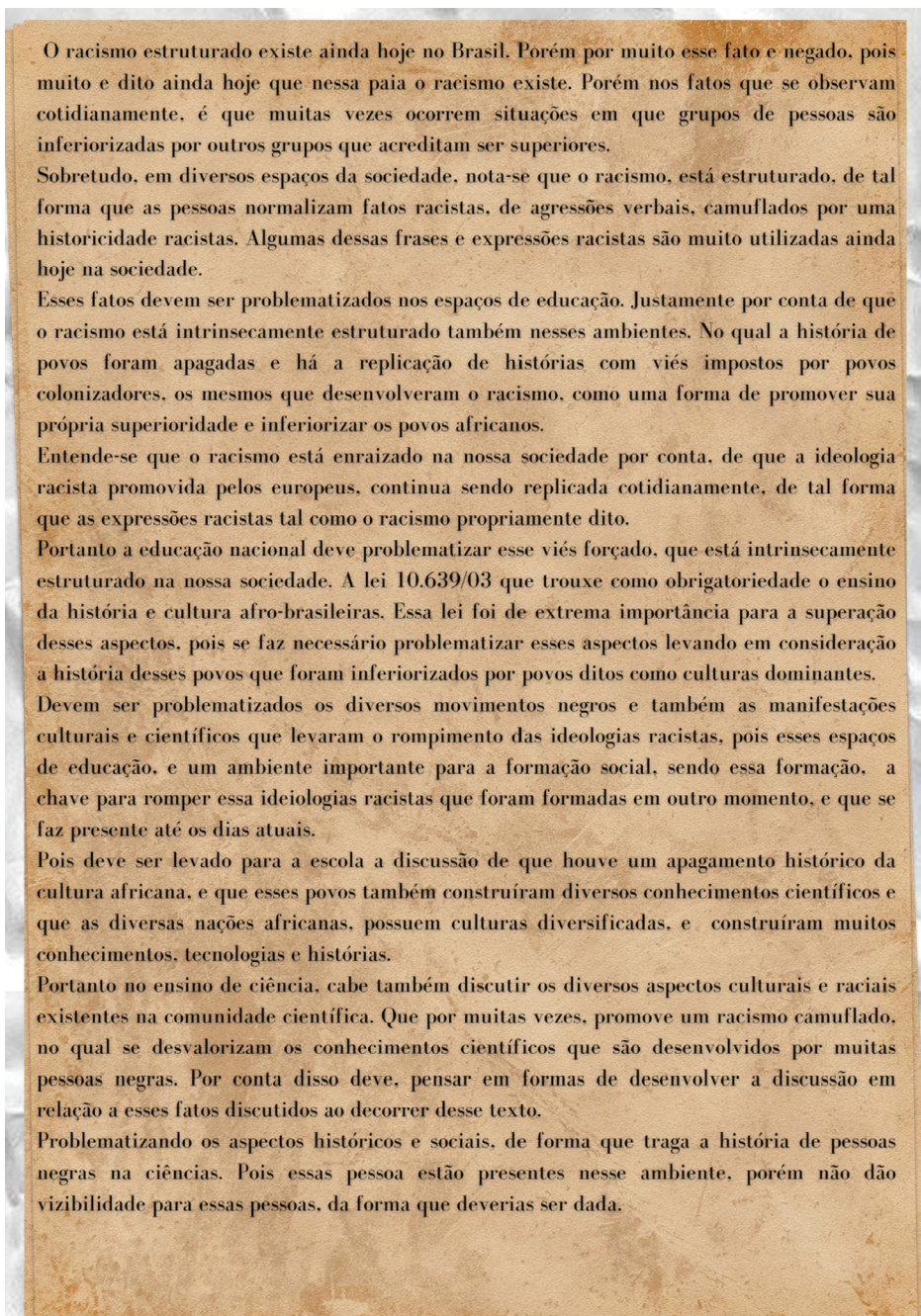
Fonte: Dados da pesquisa, 2023.



Problematizarmos, pensarmos, refletirmos, escrevermos e tornarmos possível a visibilidade de pessoas pretas e indígenas, nas aulas e nas pesquisas, são possibilidades de luta contra a estrutura racista, patriarcal, LGBTQIAPN+fóbica, capacitista nas *universidadescolas*. São ações necessárias ao avanço da cultura e da ciência, enquanto movimento de aniquilação do racismo que é reforçado na estrutura social brasileira.

Nesse sentido, o antirracismo precisa ser *pensandopraticado*, não nos esquecendo das constantes mudanças sociais, de suas interconexões com outras formas de ativismo e de nuances das experiências individuais e coletivas. Produzirmos *platôsantirracistas* implica considerarmos tanto a existência quanto a luta incansável de corpos que são desafiados persistentemente, massacrados, invisibilizados diariamente por padrões opressores. Significa questionarmos um único tipo de ordem, tido como progresso, enquanto vidas são *caladasmortas*, a exemplo de Marielle Franco (Lima, 2023; Dutra-Pereira, 2023a).

As *cartasplatôs* são manifestos e por isso trazem o desejo de mudança. Desejos que se inscrevem em possíveis. Viver à docência, em qual área seja, é pensarmos em possibilidades de mundos melhores e mais habitáveis. Por isso, a necessidade de invertermos, ou melhor, de subvertermos, incomodarmos, resistirmos e recontarmos a história, a ciência, a sociedade, a partir de diferentes contextos afro-diaspóricos.

Figura 6 – *Cartaplatô* 6

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Com as *cartasplatôs*, podemos pensar sobre a vida que acontece diariamente nos contextos em que atuamos, inclusive aqueles onde a química opera. Por meio das escritas, podemos observar o inverso, o avesso, a borda, o agenciamento de possíveis para não sucumbirmos, para não sufocarmos (Ferraço; Dutra-Pereira, 2023), diante de práticas de invisibilidade e exclusão.

Por isso, apostamos nos acontecimentos, nos possíveis, nas lutas que são nossas, na valorização dos povos africanos, afro-brasileiros e afroindígenas, enquanto sustentáculos para a compreensão da ciência, a superação da negação do conhecimento e a aniquilação de epistemicídios nas *universidadescolas*.

#### **4 CONSIDERAÇÕES PÓS-CARTASPLATÔS PARA PLATÔSANTIRRACISTAS**

O que pode o corpo preto que se inscreve e escreve, na Química, na ciência, na tecnologia, na educação, na sociedade, na cultura, na história, na humanidade, na política, na avenida, nas ruas, nas comunidades, no ensino, nas universidades, nas escolas, nas praças, nos bosques, nos museus, nos institutos, nos centros de pesquisas, nos filmes, nas séries, nos livros, nas florestas, na escrita, nas narrativas, nas *cartasplatôs*?

Perguntarmos o que pode não é um recurso para enviesarmos as permissibilidades, mas para evidenciar que as vidas e seus viveres estão em constantes devires. Assim como a escrita, consideramos que os corpos pretos, apesar de marcados por lutas e contenções, são e estão escritos e inscritos como e enquanto diferentes acontecimentos (Deleuze, 2015).

Desse modo, as *cartasplatôs* foram caracterizadas como produções individuais, *pensadaspraticadas* com perceptos e afetos que são intrínsecos àqueles/as que as escrevem. Pensar a escrita, enquanto artefato cultural, de experiência e de desenvolvimento de expressões e impressões sobre os acontecimentos, “[...] é, portanto, criação curricular cotidiana emancipatória, por promover aprendizagens que contribuem para a tessitura da emancipação social” (Oliveira, 2016, p. 126).

Escrever *cartasplatôs* durante a graduação, sobretudo em cursos de licenciatura majoritariamente pautados pelo colonialismo positivista, abre outros possíveis de escrita e de histórias na academia. Brechas que sabotam as esperadas neutralidade e impessoalidade que caracterizam dispositivos consagrados, que compõem o modelo de ciência de séculos passados.

Nesse sentido, compreendemos que “precisamos conhecer as diferentes histórias para podermos entender a diversidade de saberes e de culturas que estão a circular no mundo. Para isso, é preciso reconhecermos que somos sujeitos de histórias e que, ao mesmo tempo em que as tecemos, nos formamos continuamente por meio delas”, como nos apontou Reis (2023, p. 2).

Assim, as *cartasplatôs*, enquanto escritas *pensadaspraticadasrefletidas*, são e estão no âmbito do poder, de resistência que é poder, de poder que é resistência. Escrever, por si só, já é uma rebeldia em cursos como os de Química, que são compreendidos como reprodução/execução de fórmulas. Por isso, as *cartasplatôs*, quando se inscrevem em corpos que resistem, constituindo *platôsantirracistas*, podem construir para mundos possíveis outros, para a mudança social que tanto almejamos, em nossos modos de viver a vida (Ferraço; Dutra-Pereira, 2023).

Então, enquanto possibilidade de conceber a heterogeneidade dos acontecimentos, dos agenciamentos, dos processos éticos, políticos, estéticos e poéticos de acoplamentos maquínicos, a escrita das *cartasplatôs* antirracistas apresentam-se como uma experimentação formativa. Ou seja, uma estratégia outra para a constituição de uma atividade criadora, fabulativa e inventiva, mesmo diante de marcas que, inicialmente, apenas gerariam a aniquilação dos corpos que se inscrevem e escrevem nos/com/sobre os racismos vividos diariamente.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução: Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. [Coleção Feminismos Plurais]. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ANGELOU, Maya. *Poesia completa*. Tradução: Lubi Prates. São Paulo: Astral Cultura, 2015.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. Lei n. 14.533, de 11 de janeiro de 2023. Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 2023. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm). Acesso em: 11 fev. 2023.

*Corpos que lutam... Corpos que existem... Corpos que se inscrevem e escrevem na diferença, na educação, na ciência, nas cartasplatôs e nos platôsantirracistas...*

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 11 fev. 2023.

BRASIL. *Lei n. 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.html). Acesso em: 11 fev. 2023.

CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens: filosofia da diferença e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. [Coleção Estudos, v. 35]. Tradução: Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Muñoz. São Paulo: 34, 1997a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. [volume 4]. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. [volume 5]. Tradução: Peter Pal Pelbárt. Rio de Janeiro: 34, 1997c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. [volume 3]. Tradução: Aurélio Guerra. Rio de Janeiro: 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. [volume 1]. Tradução: Aurélio Guerra e Célia Costa. Rio de Janeiro: 34, 1995a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. [volume 2]. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1995b.

DIAS, Rosimeri de Oliveira (Org.). *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

DIAS, Rosimeri de Oliveira (Org.). *Deslocamentos na formação de professores*:

aprendizagem de adultos, experiência e políticas cognitivas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Conversas complicadas no Ensino de Química: manifesto por um currículo [Marielle] “Franco”. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2023a.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. O que faziam professores e professoras de Química numa brinquedoteca? narrativas e artistagens da experiência. *In: COSTA, Efigênia Maria Magalhães Dias Damasceno; LIMA, Jalmira Linhares; SILVA, Gabriel Medeiros de; SILVA, João Pedro Andrade da (Org.). “Eu estava com saudade de te conhecer”: travessias da experiência pedagógica na Brinquedoteca “O Grãozinho”*. Formiga: MultiAtual, 2023b.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. *In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). Escrivência: a escrita em nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Signos artísticos e cotidianos escolares: por outros possíveis de currículo. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 41., 2023, Manaus. Anais [...]*. Manaus: ANPEd, 2023.

FIORAVANTI, Carlos Henrique. Divulgação científica no período colonial brasileiro: as cartas jesuíticas. *JCOMAL*, Trieste, v. 5, n. 2, p. 1-19, 2022. Disponível em: [https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL\\_0502\\_2022\\_A05/](https://jcomal.sissa.it/article/pubid/JCOMAL_0502_2022_A05/). Acesso em: 10 fev. 2024.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. Tradução: Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

HUR, Domenico Uhng. Desejo e política em Deleuze: máquinas codificadora, neoliberal, neofascista e esquizodramática. *Poliética*, v. 8, n. 2, p. 173-202, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/PoliEtica/article/view/50130>. Acesso em: 21 nov. 2023.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1963.

KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

*Corpos que lutam... Corpos que existem... Corpos que se inscrevem e escrevem na diferença, na educação, na ciência, nas cartasplatôs e nos platôsantirracistas...*

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LIMA, Rafaela dos Santos. *Mulheres negras nas ciências: discussões sobre gênero, currículo e (in)visibilidade*. 2023. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências)- Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36738>. Acesso em: 10 fev. 2024.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 123-51, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 21 nov. 2023.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. *O currículo como criação cotidiana*. Petrópolis: DP et Alli; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia. *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. [volume 2]. Porto Alegre: Sulina, 2016.

REIS, Graça. A pesquisa narrativa como possibilidade de expansão do presente. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 48, p. 1-16, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/nQt7vWPjTzxdybQ35rDy9pG/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

ROLNIK, Suely. *A hora da micropolítica*. São Paulo: n-1, 2016.

SANTOS, Antônio Bispo dos; PEREIRA, Santídio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; MERLADET, Fábio André Diniz; D'AVIGNON, Maria Giulia Scheffer. O fim do mundo do fim. *Revista Inter Ação*, Goiânia, v. 47, n. 3, p. 994– 1008, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/74736>. Acesso em: 21 nov. 2023.

TINÔCO, Saimonton. Carta pedagógica por uma ciência com poesia. In: COSTA, Efigênia Maria Magalhães Dias Damasceno; LIMA, Jalmira Linhares; SILVA, Gabriel Medeiros de; SILVA, João Pedro Andrade da (Org.). *“Eu estava com saudade de te conhecer”*: travessias da experiência pedagógica na Brinquedoteca “O Grãozinho”. Formiga: MultiAtual, 2023.

TINÔCO, Saimonton; SOUZA, Fernanda Cristina de. Crianças negras com deficiência: (re)

colocando questões a partir das interseccionalidades. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 435-51, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73796>. Acesso em: 21 nov. 2023.

### **Sobre os autores:**

**Franklin Kaic Dutra-Pereira:** Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGECM/UFRN). Licenciado em Química pela Universidade Federal de Campina Grande (CES/UFCG) e em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSul). Professor do Departamento de Química do Centro de Ciências Exatas e da Natureza, João Pessoa, PB. Professor-orientador do PROFQUI da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor-orientador do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É líder do COM-FABULAÇÕES: Ateliê de Pesquisas Inventivas em Educação. **E-mail:** franklin.kaic@academico.ufpb.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-4486-6124>

**Rafaela dos Santos Lima:** Mulher-preta-pesquisadora-doutora em Ensino, História e Filosofia das Ciências pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestra em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/PPGECFP). Especialista em Docência do Ensino Superior, Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial e Inclusiva, Gestão e Coordenação Pedagógica pela Faculdade de Educação Social da Bahia. Licenciada em Química pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Professora do Curso de Licenciatura em Química do Centro de Formação de Professores da UFRB. **E-mail:** rafaelalima@ufrb.edu.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-7573-9884>

**Recebido em: 10/12/2023**

**Aprovado em: 14/02/2024**